

## A LOUCURA COMO ESPAÇO DE FALA: INSUBORDINAÇÃO E RESISTÊNCIA NA LITERATURA DE AUTORIA FEMININA

Virgínia Carvalho de Assis Costa (Puc-MG)

**RESUMO:** O trabalho pretende analisar a loucura sob dois aspectos suplementares: como temática recorrente na literatura africana em língua portuguesa de autoria feminina, e também como metáfora da escrita de tais mulheres – em sua busca permanente por um espaço de fala fora do discurso hegemônico. Para a abordagem, serão focalizados os romances *Ponciá Vicêncio*, da brasileira Conceição Evaristo e *A louca de Serrano*, da cabo-verdiana Dina Salústio. Como fundamento teórico, serão examinadas, principalmente, as obras *Pode o subalterno falar?* (2014), de Gayatri Spivak e *Seria a pena uma metáfora do falo? ou a inquietante presença da mulher na literatura* (2007), de Aparecido Donizete Rossi. Ambas as obras literárias são marcadas por personagens femininas deslocadas, estigmatizadas pela loucura. Tal loucura, longe de representar uma forma de alienação, revela-se um instrumento de resistência de mulheres subjugadas. Em *Ponciá Vicêncio*, a protagonista que intitula a obra refugia-se no silêncio e passa a ser considerada louca por seu marido. Suas reflexões, contudo, deixam explícito o caráter contestatório do seu mutismo. Na obra cabo-verdiana, a personagem-título representa a consciência de um grupo alienado pela repetição mecânica da tradição. Dona de um discurso desestabilizador, é por sua voz que ouve-se a crítica de práticas opressivas naturalizadas em Serrano. O tema central dos textos acaba também por revelar-se uma metonímia da escrita feminina pós-colonial em sua incessante procura por uma linguagem que permita a autorrepresentação do “sujeito subalterno” (SPIVAK, 2014). Os textos de Evaristo e Salústio constituem-se por meio de estratégias como a fragmentação da linguagem; a mobilização do interlocutor; a subversão espaço-temporal; a “desterritorialização da língua” (DELEUZE & GUATTARI, 2014) e o esvaziamento das oposições binárias e hierárquicas que sustentam o patriarcado. Ao subverterem a estrutura literária canônica, os modelos de escrita propostos pelas autoras, cada uma ao seu modo, ocupam um lugar marginal; o lugar da loucura.

**PALAVRAS-CHAVE:** literaturas africanas de língua portuguesa, autoria feminina, loucura.

## Introdução

O trabalho a ser apresentado pretende analisar a loucura sob dois aspectos suplementares: como temática recorrente nas literaturas africana e afro-brasileira de autoria feminina, e também como metáfora da escrita de tais mulheres, em sua busca permanente por um espaço de fala fora do discurso hegemônico.

Para analisar o modo como a loucura - enquanto temática e procedimento formal- apoia a construção desse discurso subalterno, serão focalizados os romances *A louca de Serrano*, da cabo-verdiana Dina Salústio e *Ponciá Vicêncio*, da brasileira Conceição Evaristo.

As duas obras literárias em questão trazem à cena personagens femininas deslocadas, estigmatizadas como insanas. Tal insanidade, porém, longe de representar uma forma de alienação, revela-se - sob diferentes configurações - um instrumento de resistência de mulheres subjugadas.

De fato, o tema tão presente na literatura de autoria feminina perpassa a representação social da mulher ao longo da história - na maioria das vezes, de maneira discriminatória. Na fala hegemônica, o rótulo da insensatez foi e ainda é instrumento para invalidar a voz da mulher. Nos textos analisados, contudo, a loucura assume função diametralmente oposta. Ao tematizá-la, as escritoras esvaziam o significante ofertando-lhe novos significados: o mutismo alienado revela-se resistência à opressão em *Ponciá Vicêncio*; a bruxa a quem se deve ignorar torna-se porta-voz de perigosas verdades em *A louca de Serrano*.

Tais verdades, para se fazerem ouvir, precisam recorrer à loucura não apenas como conteúdo, mas, sobretudo, como perspectiva estética. A escrita duplamente subalterna das autoras de literatura africana e afro-brasileira ganha corpo e retoma a posse dos corpos femininos ao subverter a linguagem canônica.

### 1. *Quos volunt di perdere dementant prius.*

A representação literária da mulher é historicamente pautada pela dualidade mocinha passiva e submissa X vilã histérica e ameaçadora. Penélopes e Helenas vão sendo delineadas por traços masculinos e configurando o discurso hegemônico sobre o feminino na literatura. Ao se conformar à ordem estabelecida, é anjo; ao rompê-la, torna-se monstro, como afirma Norma Telles:

O discurso sobre a "natureza feminina" [...] define a mulher, quando maternal e delicada, como a força do bem. O anjo do lar. Mas, ela é também potência do mal quando sai da esfera privada ou usurpa atividades que não lhe são culturalmente

atribuídas. Torna-se então um monstro: bruxa, malvada ou decaída. Anjo ou monstro, este discurso que naturaliza o feminino coloca-o além ou aquém, mas sempre fora da cultura. (TELLES, 1988)

Em uma relação dialógica com as sociedades nas quais se inserem, os textos literários afirmam: toda aquela que ousar escapar à subalternidade será banida. É o que ressoam as mortes de personagens como Emma Bovary ou Lucíola. A *hybris* feminina diante do criador masculino não será perdoada. E como já apregoavam os gregos: “Os deuses primeiro enlouquecem aqueles a quem querem destruir”. Rotular as mulheres como loucas é, portanto, uma estratégia frequente para invalidar seu discurso.

Essa é a arma usada contra a Louca de Serrano – personagem título do romance de Diná Salústio. Dentro da ordenação local, ela ocupa função antagônica a da parteira, figura central na manutenção do *status quo*.

Serrano é um povoado mantido por misteriosas tradições. Na vila, a mulher alça a condição de protagonista, já que cabe à parteira, além da nobre função que lhe é inerente, a tarefa de iniciar sexualmente todos os homens do grupo. Ao longo da obra, percebe-se que ela é também guardiã do grande segredo que permite a perpetuação do patriarcado em Serrano. Todos os casais do povoado apresentam dificuldades para conceber e a responsabilidade pela infertilidade é sempre atribuída às mulheres, afinal “a terra é que pode ser fértil ou não e a terra eram as fêmeas e os seus úteros que às vezes não passavam de terra seca”. (SALÚSTIO, 1998, p.63).

A cura para a aridez dessa terra acaba acontecendo após um peculiar tratamento proposto pela parteira, que inclui uma visita à cidade. Confortáveis com sua virilidade inquestionável,

os serranese não mostraram curiosidade em averiguar a razão por que depois de alguns anos de inoperância, as mulheres apareciam grávidas, sem tratamentos muito complicados, apenas por irem algumas vezes à cidade consultar os especialistas que percebiam do assunto; nem tão pouco se interessaram pelas tecnologias da cidade que operavam milagres no seu ego e no corpo das mulheres. (SALÚSTIO, 1998, p.63).

Em uma sociedade cuja maternidade é princípio fundante para a condição feminina, a dificuldade para engravidar é suficiente para manter a mulher em uma posição marginal. É interessante observar que tal marginalidade é preservada pelas próprias mulheres sob a direção da parteira. É a manutenção da ordem estabelecida que lhe permite ocupar um lugar de poder. Ao se conformar, ela é anjo.

O lugar de oposição, ou seja, da bruxa demoníaca, cabe à Louca. Ela representa a consciência e a lucidez do grupo alienado pela repetição mecânica da tradição. Dona de um discurso desestabilizador da ordem, é por sua voz marginal que ouve-se a crítica de

práticas opressivas naturalizadas em Serrano. “A Louca de Serrano [...] em dias especiais que não se conseguiu localizar nem atribuir uma identidade, gritava que a montanha preparava-se para engolir a aldeia porque não suportava mais sua burrice.” (SALÚSTIO, 1998, p. 56).

A despeito do descrédito a ela conferido, suas palavras ecoam por toda a obra como um coro grego - anunciando desfechos trágicos, alardeando condenações, desconstruindo discursos de poder:

Uma desconhecida que nunca tentou entrar na igreja, o que levava os fiéis mais atentos a definir-lhe possíveis laços com o demônio, continuava a argumentar, em palavras desarticuladas, que os pobres eram porcaria que os ricos utilizavam para se tornarem mais ricos, para pecarem, para desobedecerem aos princípios de igualdade definidos por um conhecido visionário e, finalmente, os utilizavam como instrumento para a sua própria salvação” (SALÚSTIO, 1998, p. 39).

Também o narrador, simpático à louca, coloca acontecimentos e personagens em xeque. Direciona o leitor a um olhar crítico em relação à tradição, à religião e aos sujeitos independente dos grupos sociais a que eles pertencem.

Serrano tinha a capacidade de reduzir as pessoas a meros objectos destinados a cumprir o destino, às vezes somente a praga que orientava a vida da aldeia, pelo que ali não se cultivava o hábito de partilhar o interior de cada um, pelo menos no que respeitasse à vida. (SALÚSTIO, 1998, p. 128).

Ao final da narrativa, Serrano sucumbe. A construção de uma barragem é responsável pela aniquilação de sua estrutura social e também por sua destruição física. A hierarquia social desmorona a partir de pesquisas feitas pelos engenheiros da obra, que revelam que a água do povoado provoca esterilidade masculina. Já a ruína física vem com a ruptura das barras de contenção, que arrastam o que restava de Serrano pela corrente. Com a destruição do povoado, o saber da Louca prevalece. Assim, no romance de Salústio, o rótulo da loucura - dissimulado sob a sua tradicional função opressora - acaba por ironicamente despojar a subalternidade que, por tantas vezes, contribuiu para perpetuar.

## **2. (Des)silenciar-se**

Sabe-se que a representação hegemônica da mulher no Brasil é, em grande medida, devedora dos moldes literários talhados por mãos masculinas em um contexto patriarcal, o que resulta em estereótipos claramente machistas, a exemplo das mocinhas casadouras de José de Alencar. No caso das personagens negras, contudo, a subalternidade é ainda mais radical. É o que revelam, por exemplo, a sensualidade de Rita Baiana e a sujeição

de Bertoleza sob a perspectiva determinista de *O cortiço*; ou mesmo a constatação de Clara dos Anjos sobre sua insignificância, já pela perspectiva crítica de Lima Barreto.

Contrariando tais representações estereotipadas, o primeiro romance de Conceição Evaristo caminha para a ressignificação de mais um emblema do poder hegemônico. O silêncio, que é marca de resistência da protagonista da obra, contribui para combater o silenciamento das escritoras afro-brasileiras, além de dar visibilidade à mulher negra, confinada nos já mencionados estereótipos, que acabaram sendo cristalizadas por uma longa história de exclusão.

A narrativa centra-se na trajetória de Ponciá Vicêncio - da infância à vida adulta, do meio rural até o meio urbano.

Passado e presente, perspectiva subjetiva e temática social, drama individual e tragédia coletiva se misturam sob uma voz que segue o ritmo da memória. Por meio desses deslizamentos, o percurso espacial da protagonista torna-se também travessia identitária: Ponciá Vicêncio, que traz a marca da subalternidade no nome, já que carrega o sobrenome do antigo coronel proprietário de escravos, passa a buscar sua verdadeira nomeação, sua raiz indenitária. Acaba, assim, por resgatar a história dos seus antepassados e, com ela, desvela as chagas deixadas pela escravidão negra no Brasil.

O tempo passava, a menina crescia e não se acostumava com o próprio nome. Continuava achando o nome vazio, distante. Quando aprendeu a ler e a escrever, foi pior ainda, ao descobrir o acento agudo de Ponciá. Às vezes, num exercício de autoflagelo ficava a copiar o nome e a repeti-lo, na tentativa de se achar, de encontrar o seu eco. Era tão doloroso quando grafava o acento. Era como se estivesse lançando sobre si mesma uma lâmina afiada a torturar-lhe o corpo. Ponciá Vicêncio sabia que o sobrenome dela tinha vindo desde antes do avô de seu avô, o homem que ela havia copiado de sua memória para o barro e que a mãe não gostava de encarar. O pai, a mãe, todos continuavam Vicêncio. Na assinatura dela, a reminiscência do poderio do senhor, de um tal coronel Vicêncio. O tempo passou deixando a marca daqueles que se fizeram donos das terras e dos homens. E Ponciá? De onde teria surgido Ponciá? Por quê? Em que memória do tempo estaria escrito o significado do nome dela? Ponciá Vicêncio era para ela um nome que não tinha dono. (EVARISTO, 2003, p. 29)

O vazio do nome caminha ao lado das ausências que marcam a vida da personagem: separação da família, do rio, do barro; morte do pai e do avô; perda dos filhos; miséria e desamparo. A fragmentação desse sujeito que não tem a posse nem do seu próprio nome encena-se no texto através das frases curtas que acabam por realçar a amplitude e a poeticidade de cada palavra presente no texto.

A angústia e a complexidade das reflexões da protagonista contrastam com a precariedade dos meios que tem para sublimá-las e expressá-las. Ao longo de sua trajetória na cidade, os questionamentos de Ponciá vão amadurecendo, ela vai se tornando

cada vez mais inadequada, mais alheia ao entorno. O corpo passa a refletir essa inadequação: “A mão continuava coçando e sangrando entre os dedos. Nesses momentos ela sentia uma saudade imensa de trabalhar com o barro. Havia dias, também, que o vazio que lhe enchia a cabeça vinha por duas ou três vezes.” (EVARISTO, 2003, p.81)

A protagonista questiona o modo de vida a ela estabelecido, questiona a resignação do companheiro: “Ele, ao lado dela, ressonava tranquilo, como se estivesse com a vida resolvida. Deus meu, será que o homem não desejava mais nada? Para ele bastava o barraco, a comida posta na lata de goiabada vazia?” (EVARISTO, 2003, p.44)

Os vazios que, a princípio duravam pouco, vão se tornando cada vez mais frequentes. O homem não entende o alheamento. Sua incompreensão reflete-se em violência, o que faz com que Ponciá se distancie ainda mais.

O homem de Ponciá Vicêncio começou a achar que a mulher estava ficando doente. Impossível tanta lerdeza, tanta inanição em quem era tão ativa. Era verdade que, desde os primeiros tempos que a conhecera, ela, às vezes, já ficava assim, meio paradona. Parecia que ela fugia dela, mas quando retornava, chegava ativa como sempre. Agora não. As ausências, além de mais constantes, deixavam Ponciá durante muito tempo fora de si. Passava horas e horas na janela a olhar o tempo com um olhar vazio. Houve época em que ele bateu, esbofeteou, gritou... [...] Ela não reagia, não manifestava qualquer sentimento de dor ou de raiva. E desde esse dia, em que homem lhe batera violentamente, ela se tornou quase muda. (EVARISTO, 2003, p. 96)

O silêncio é o caminho encontrado pela protagonista para continuar sua busca. Ao contrário do que pensa ele, seu mutismo não expressa loucura, mas resistência, recusa a se conformar a um molde onde não cabe, a um nome que não é seu. A paralisia de Ponciá subverte a representação tradicional da mulher negra laboriosa. A escrava batalhadora e assujeitada dá lugar a uma mulher questionadora e reflexiva.

Envolta em um completo distanciamento, Ponciá vai tecendo os fios das memórias individual e coletiva. Mais uma vez sob a máscara da loucura, essa mulher negra, lucidamente, encontra o seu destino nas águas do rio de sua terra.

Na conclusão de ser percurso, performatiza-se mais um gesto de rasura, pois, conforme aponta Aline Arruda, desconstrói o canônico romance de formação.

A personagem [...] passa por um ciclo de vida, um percurso de formação em que o protagonista sai da casa dos pais, conhece outra realidade, aprende com outras pessoas e volta ao lar completando seu aprendizado. Entretanto, o ciclo da personagem de Evaristo é bem diferente: em sua diáspora, que repete aquela de seus ancestrais no navio negreiro, Ponciá vai do campo para a cidade à procura de uma vida melhor, entretanto, seus sonhos não se realizam e sua formação passa por momentos muito diferentes dos heróis europeus. (ARRUDA, 2016)

### 3. Como pode a subalterna falar?

Sabemos, com Spivak, que “se no contexto de produção colonial, o sujeito não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade.” (SPIVAK, 2014, p.110) Aprendemos também que, a despeito da impossibilidade de fala dessas mulheres, elas seguem em busca de espaços por meio dos quais se possam articular e ser ouvidas. Para tanto, rasuram o modelo hegemônico desconstruindo estereótipos, ressignificando vocábulos, fundando estruturas.

É o que fazem Evaristo e Salústio. Nas duas obras analisadas, a loucura, tema central dos textos, acaba também por revelar-se uma metonímia da escrita feminina em sua incessante procura por uma linguagem que permita a autorrepresentação desse “sujeito subalterno” (SPIVAK, 2014)

As obras analisados constituem-se por meio de estratégias como a fragmentação da linguagem; a desconstrução de modelos tradicionais; a subversão espaço-temporal e o esvaziamento das oposições binárias. Ao rasurarem a estrutura literária canônica, os procedimentos de escrita apresentados pelas duas autoras, cada um ao seu modo, ocupam o lugar da loucura e inauguram, assim, espaços de fala.

#### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS:

ARRUDA, Aline. **Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo: Um Bildungsroman Feminino e Negro.** Disponível em: <http://150.164.100.248/literafro/data1/autores/43/conceicaocritica02.pdf> Acesso em 15 de setembro de 2016.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio.** Belo Horizonte: Mazza, 2003.

ROSSI, Aparecido Donizete. **Seria a pena uma metáfora do falo?** Ou a inquietante presença da mulher na literatura. Disponível em: <http://www.revista.ueg.br/index.php/icone/article/view/3422/> Acesso em 15 de setembro de 2016.

SALÚSTIO, Dina. **A Louca de Serrano.** Praia: Spleen, 2001.

TELLES, Norma. **Sonhos e iluminações das mulheres loucas da literatura.** Disponível em: [http://www.normatelles.com.br/as\\_mulheres\\_loucas\\_da\\_literatura.html/](http://www.normatelles.com.br/as_mulheres_loucas_da_literatura.html/) Acesso em 15 de setembro de 2016.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o Subalterno Falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.